



## O discurso do jornal “O Globo” sobre a Jornada Mundial da Juventude<sup>1</sup>

Lydiana Caroline Rossetti ORSO<sup>2</sup>  
Valéria MARCONDES<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho reflete o resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a cobertura do jornal “O Globo” sobre a Jornada Mundial da Juventude, que ocorreu no Rio de Janeiro em julho de 2013. A análise foi feita a partir dos cadernos diários que o jornal publicou no período de 21 a 29 de julho de 2013 e da edição normal do dia 30 de julho de 2013. Trata-se de uma pesquisa feita a partir da Análise do Discurso, que observou as Formações Discursivas (FDs) predominantes na voz do jornal “O Globo” ao reportar a Jornada Mundial da Juventude. A análise apontou a relevância que o jornal dá para a figura do Papa Francisco mostrando que a intencionalidade de o “O Globo” era provocar o sentimento de possíveis mudanças dos valores cristãos católicos sobre temas atuais e não religiosos, através do Papa Francisco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso; Ideologia; Imaginário; Jornada Mundial da Juventude.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que analisou a cobertura do jornal “O Globo” sobre a Jornada Mundial da Juventude de 2013. O evento ocorreu no Rio de Janeiro entre os dias 23 a 28 de julho de 2013, e este estudo analisou os nove cadernos publicados diariamente pelo jornal “O Globo” entre os dias 21 a 29 de julho e, também, uma edição normal do dia 30 de julho. Importante destacar que a Jornada Mundial da Juventude é considerada o maior evento católico do mundo e reuniu no Rio de Janeiro, em sua 28ª edição, aproximadamente 3,5 milhões de pessoas.

Essa pesquisa teve como principal objetivo identificar qual a voz predominante no discurso do jornal “O Globo” ao reportar a Jornada Mundial da Juventude. Através da Análise do Discurso foi possível perceber e elencar três Formações Discursivas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, email: lydianarossetti@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação, orientadora deste trabalho e professora no curso de Comunicação Social- habilitação Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, email: valeriamarcondes@unochapeco.edu.br



(FDs) predominantes sobre a abordagem do jornal. A primeira delas trata-se da imagem do Papa Francisco; a segunda é sobre como “O Globo” percebe e transmite ao leitor a posição da Igreja Católica; a terceira é a maneira como o jornal representa o jovem peregrino.

Partindo do estudo sobre os conceitos do contexto no qual essas notícias foram elaboradas e publicadas e sobre a influência ideológica que a mídia e também a Igreja Católica possuem na sociedade, foi possível observar que a intencionalidade no discurso do “O Globo” refletia a mudança. A expectativa de uma mudança da Igreja Católica frente a temas atuais e não religiosos, como casamento homoafetivo, divórcio e aborto, através do Papa Francisco.

## **2. O CONTEXTO DA NOTÍCIA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE**

Para Portella (2006) a sociedade pós-moderna ao qual estamos inseridos hoje é um colapso das certezas que se tinha da modernidade. A modernidade é a época em que o mundo e as relações com ele pareciam ser mais concretas, e as instituições eram sólidas e mais definidas. Já para o francês Michel Maffesoli (1987) a pós-modernidade passa por um “reencantamento do mundo”, uma vontade de querer estar junto, mas com certo relativismo, já que não há vontade de se firmar por muito tempo as relações.

Há, portanto, contradições naturais da pós-modernidade. Basta pensarmos no encontro entre uma sociedade que privilegia o prazer, o hedonismo e, ao mesmo tempo, busca um religamento com o outro, uma nova relação com os demais. Esta justaposição de valores considerados antagônicos pelos modernos é o que caracteriza a sociedade pós-moderna. Duas forças, do individualismo e do tribalismo, se unem no mesmo espaço. O termo tribalismo é, para Maffesoli, uma constatação empírica:

Estamos notando em vários lugares uma certa desafeição pelas grandes instituições sociais, como os partidos políticos e os sindicatos. Em cidades grandes como Rio ou São Paulo as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontráveis necessariamente nas grandes instituições sociais habituais. (MAFFESOLI, 2001, p. 01).

A religião pode ser considerada uma dessas instituições sociais habituais de que fala Maffesoli (2001). É também uma das forças que ajudam a equilibrar a balança entre o individualismo e o tribalismo. Porque mesmo a pós-modernidade indicando novas



formas de se reagrupar, a religião continua sendo um forte local de tribalização. A religião vista como instituição sugere a volta ao tribalismo porque propicia aos indivíduos esse sentir-se em grupo, pertencente a algo, valorizar-se e serem valorizados enquanto indivíduos.

Maffesoli (1987) usa a própria etimologia da palavra religião, “re-ligare”, para explicar o laço social. Segundo o autor, os sujeitos caminham para uma religação entre si. Um algo em comum que os identifique enquanto grupo, porque vale muito mais aquilo que os une, do que aquilo que os separa. As religiões possuem heróis, santos, figuras emblemáticas – imaginários – com a finalidade de constituir um grupo/tribo.

É nesse contexto pós-moderno que o jornal “O Globo” produz e noticia a Jornada Mundial da Juventude, emite um discurso sobre a Igreja Católica, enquanto instituição, e também sobre os jovens. Nessa incessante busca pela religação e pelo sentimento de pertença, aparentemente parece que o jovem representa um estágio de vida em que mais se busca esse “sentir em comum”.

Ao retratar o jovem, “O Globo” mostra uma juventude ainda ligada a essas instituições sociais habituais, no caso a religião, ao mesmo tempo em que apresenta exemplos de jovens que participam de movimentos sociais. Tanto esse olhar aos movimentos sociais, quanto esse retorno aos valores conservadores são retratados em pelo menos duas reportagens do jornal “O Globo”. E o jornal traz os jovens para representar essas frentes teológicas, que pode aqui se relacionar com os tempos “moderno” e “pós-moderno”, aos quais “O Globo” os representa como “jovens conservadores” e “jovens progressistas”.

### **3. A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA**

O jornalismo já foi tratado como espelho da realidade, apesar de atualmente essa definição já ter sido desconsiderada e outras vieram para dar sentido a atividade. O papel do jornalismo na realidade atual, pensando discursivamente, contribui para a criação de imaginários sociais sobre a realidade. A rotina de seleção de notícias para um jornalista está intimamente ligada ao ato diário de obedecer a diversos critérios para decidir o que é ou não notícia, critérios estes definidos por Kunczik (2002) como novidade, proximidade geográfica e negativismo. O autor acredita que os valores informativos são as suposições intuitivas dos jornalistas com referência àquilo que interessa a um público determinado, “realizam também a seleção de notícias baseados



em uma orientação local ou etnocêntrica de fatos que não se encontram longe do passado, preferivelmente fatos do dia” (KUNCZIK, 2002, p. 243).

É nessa cadeia produtiva que a notícia passa a ser construída. E ela, a notícia, é então um recorte, um olhar sobre a realidade. Um recorte influenciado pelo imaginário de quem a notícia, ou seja, o jornalista. Ao construir matérias jornalísticas sobre eventos como a Jornada Mundial da Juventude, os repórteres passam a ser os “olhos e ouvidos” dos leitores do “O Globo”, o que, para Vizeu (2001), é uma forma de ver e perceber a realidade. O repórter é a “testemunha” do fato e, ao noticiar, carrega consigo sua carga imaginária. Mesmo utilizando os critérios de objetividade, tais como noticiar com precisão, ir direto ao tema, não opinar, ouvir os dois lados da questão (SPONHOLZ, 2003), é através do olhar e da percepção do sujeito-repórter que se inicia a interpretação do leitor. É um primeiro olhar sobre o fato.

A religião ocupa um lugar destacado na sociedade. A sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo, em que a religião possui um papel importante nesta construção (BERGER; LUCKMANN, 1973). Tão importante para a construção contínua da sociedade, a religião também está no palco de discussões sociais abordadas pela mídia. Há quem afirme que religião e mídia têm muito em comum. Isso já começa na conceituação de que os dois são Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) (ALTHUSSER, 1984), influenciando assim, no imaginário social sobre a realidade. Para Ribeiro (2006), essa relação vai além, mas é sempre permeada por essa influência de poder que as duas exercem.

#### **4. A IDEOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO**

O jornal “O Globo”, objeto desta pesquisa, é um veículo de comunicação impresso que começou a ser editado no Rio de Janeiro em 1925 pela família Marinho. Fundado por Irineu Marinho Coelho de Barros, logo passou a ser editado pela Rio Gráfica Editora, também da família Marinho. Em 1986 com a compra da editora Globo, de Porto Alegre, além da rádio e TV Globo, o jornal impresso “O Globo” passa a integrar os veículos de comunicação das Organizações Globo. Atualmente, o jornal é editado pela Editora Globo, em uma fusão entre as famílias Marinho e Bertaso. Hoje “O Globo” possui, segundo dados de 2012 da Associação Nacional de Jornal (ANJ), uma média de 277.876 em circulação paga, por ano, ou seja, de pessoas que pagam através de assinatura ou compra em bancas para ler o jornal.



A história das Organizações Globo remete a épocas em que os fatos jornalísticos noticiados pelos veículos de comunicação das Organizações sofriam alterações ou censuras devido a ligação de poderes políticos que a família Marinho possuía. De acordo com Herz (1988) a ideologia que transparece no discurso das Organizações Globo é a ideologia das classes dominantes. A história das oligarquias das comunicações brasileiras perpassa também aos veículos de comunicação da Globo.

Essa ligação política ideológica que perpassa o histórico das Organizações Globo reflete na imagem que a população brasileira possui dela hoje. Apesar de ainda ter grande influência midiática pelos veículos de comunicação impresso, televisivo, online, entre outros, as Organizações Globo também foram alvo de repúdio da população que foi às ruas nas manifestações de junho de 2013<sup>4</sup>, e que o jornal “O Globo” trouxe diversas vezes na cobertura dos cadernos analisados para contextualizar em que realidade aconteceu a Jornada Mundial da Juventude.

## 5. O DISCURSO DA NOTÍCIA

A Análise do Discurso foi inicialmente escolhida como metodologia para realizar esta pesquisa sobre a cobertura da Jornada Mundial da Juventude realizada pelo jornal “O Globo”, a AD, como também é chamada, é considerada uma “disciplina de entremeios”, ou seja, uma disciplina que se apropria de conceitos elaborados em outras disciplinas.

São três os pontos pelos quais passa a Análise do Discurso: a linguagem, o sujeito e a história. A linguagem, para a AD, é produtora de sentidos. Sentidos esses que iniciam muito antes da fala ou da escrita. O discurso trabalha também a ideologia, presente no imaginário do homem/sujeito/indivíduo. Essa ideologia está presente em quem emite o discurso e também em quem o analisa, por isto a AD não se fixa somente na interpretação do discurso. Como explica Orlandi (2007), não há uma verdade oculta atrás do texto, mas sim gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo de análise – que são as formação discursivas encontradas no texto - deve ser capaz de compreender.

O discurso jornalístico vai além do escrito e disposto numa página. Conforme Ponte (2005) é sobre a realidade cotidiana que o jornalista irá construir seu

---

<sup>4</sup> Em junho de 2013 uma série de protestos aconteceu em diversas cidades do país. O chamado “Vem pra rua” iniciou devido o aumento da passagem do transporte coletivo municipal em diversas capitais e atingiu outras cidades depois que a Polícia começou a agir com violência sobre os manifestantes. A partir disso as manifestações ganharam outras reivindicações, como o fim da corrupção no Brasil.



campo lógico de intervenção discursiva. Uma realidade vivida em conjunto, que partilha diversos significados. O discurso jornalístico constrói sentido às realidades vividas pelos sujeitos sociais. Mas seu produto final, o texto, é decorrência de um movimento de forças que é exterior e anterior. O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário (BENETTI, 2010).

O pesquisador Louis Althusser (1985) considera que é a ideologia que “recruta” os indivíduos para se tornarem sujeitos, quando esta o interpela, e também afirma que a ideologia é apenas um imaginário da realidade, uma ideia das relações que se vivem. Althusser (1985) também traz o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) no qual a ideologia age como regente do contexto ao qual estamos inseridos e na qual a religião e a mídia são exemplos.

Orlandi (2007) afirma que a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O sujeito, através da materialidade da linguagem, irá produzir sentidos através da ideologia que o cerca, ou seja, da ideologia imperante na sociedade em que está inserido. Por mais que, inconscientemente, o sujeito não tenha uma ideia real do sentido do seu discurso, o sujeito receptor da mensagem interpretará aquela linguagem a partir da ideologia presente no interdiscurso em andamento. Orlandi vê a ideologia como a relação necessária, uma espécie de “ponte”, entre linguagem e mundo, o que faz com que o sentido seja assim uma relação determinada do sujeito afetado pela língua - com a história.

Diferenciando um pouco sobre a visão de Althusser (1985) de que a ideologia parte de um imaginário do real, Silva (2012, p. 20) afirma que “o imaginário não é o novo nome para a ideologia de um indivíduo ou de um grupo”. Na interpretação de Silva (2012), Althusser, ao falar de Aparelhos Ideológicos, observa que esses incutem uma visão de mundo nas mentes dos dominados.

Assim como Althusser (1985) define a mídia e a religião como Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), Silva (2012) acredita que tanto a mídia quanto a religião ou crença, como chama, são tecnologias do imaginário. Elas se aproximam muito mais da ideologia do que propriamente do imaginário. “Ideologia e crença aproximam-se, ambas rejeitam a concepção autônoma de imaginário. A ideologia apresenta-se como uma racionalização da crença” (SILVA, 2012, p. 50). Contudo, Silva também afirma que é possível viver sem crença ou ideologia, “mas ninguém existe fora de um imaginário”. As tecnologias do imaginário, como a crença e a mídia, e a ideologia



também possuem imaginário, bem como imaginário também possui ideologia, porém o imaginário não se reduz ao que é explicável, é muito mais o sentir, perceber o mundo, do que explicá-lo racionalmente.

## **6. O DISCURSO DO “O GLOBO” SOBRE A JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2013**

Ao reportar a JMJ é possível perceber três fortes formações discursivas na voz do “O Globo”. Neste trabalho iremos nos referir a estas formações por Formação Discursiva 1 (FD1) - O Papa Francisco; Formação Discursiva 2 (FD2) - A posição da Igreja, e Formação Discursiva 3 (FD3) - Os jovens da Jornada, respectivamente. Na primeira edição da série de cadernos sobre a Jornada Mundial da Juventude (21.07.2013 p. 1), “O Globo” busca definir quem é o Papa Francisco, iniciando aqui a predominância da FD1. O foco da abordagem já pode ser observado na capa, que contém uma foto do Papa Francisco com uma pomba pousando em seus dedos e a chamada “Sob a bênção de Francisco”, o que indica que o objeto de notícia era o Papa.

É na reportagem intitulada “Simplesmente Francisco – o Papa que já sofreu por amor, andava de ônibus e não poupava críticas a presidentes” (p.03), que um jornalista argentino do jornal “La Nación”, integrante do Grupo de Diários da América (GDA), busca aproximar o Papa das pessoas. A maneira como se apresenta o discurso desta notícia aparenta que, no imaginário social, a figura de um Papa que “sofre por amor, anda de ônibus e faz críticas a presidentes”, é algo diferente e “fora dos padrões”.

Essa caracterização segue no primeiro parágrafo. O jornalista traz definições de fontes terceiras (não identificadas), sobre o Papa, tais como: “cirúrgico” e “silencioso e humilde”. Nas frases seguintes surge a definição do jornalista: “O novo papa, que resolveu ser chamado de Francisco, por conta de Assis, quando a referência máxima jesuíta é Santo Inácio de Loyola, é firmemente contrário ao casamento gay e teve que contornar suspeitas de ter sido, no mínimo, omissos durante a ditadura na Argentina”. E logo questiona: “Talvez seja ultraconservador? Conservador moderado, como preferem alguns? Afinal, quem é Bergoglio<sup>5</sup>, que desembarca amanhã no Rio, em sua primeira viagem internacional?”.

O fato de afirmar que o Papa é “firmemente contrário ao casamento gay” e logo depois questionar se ele é conservador ou não, deixa transparecer que mesmo o Papa

---

<sup>5</sup> Jorge Mario Bergoglio é o nome do Papa Francisco. “O Globo” utiliza muitas vezes do sobrenome do Papa para se referir a ele nas reportagens





sendo diferente do que os pontífices anteriores em relação a temas centrais da doutrina católica, ele mantém a opinião de seus antecessores, o que de certa maneira anularia qualquer indício de mudança sobre esses temas com Francisco assumindo o Papado. Ao final do texto o jornalista cita uma frase pronunciada por Jorge Bergoglio sobre união gay, enquanto cardeal, sem explicar claramente o contexto do enunciado, “é um movimento do Diabo na sua guerra contra Deus”.

Na linha do primeiro caderno (21.07.2013), ressaltando a FD1, e enquanto ainda não iniciava a Jornada Mundial da Juventude, “O Globo” trouxe uma análise de como está hoje a fé católica no Brasil e na América Latina. O contexto religioso apresentado pelo “O Globo” neste caderno mostra uma Igreja Católica perdendo fiéis no Brasil e na América Latina, país e continente que ainda possuem o maior número de católicos. São 123,2 milhões de fiéis católicos no Brasil, e mesmo o jornal afirmando que a religião tem perdido espaço na América Latina, contrapõe-se, ao afirmar que pelo menos 80% de toda a população segue a doutrina católica no continente.

O fato apontado pelo jornal está longe de mostrar que os antigos fiéis decidiram “andar sozinhos” e se afastar da tribo. A reportagem mostra o sincretismo religioso, e variedade de papéis que os sujeitos tomam nessa socialidade, como já apontava Maffesoli (1987). Uma das personagens da matéria, por exemplo, ainda não definiu ao qual grupo verdadeiramente pertence. Católica, ela frequenta uma igreja evangélica pentecostal no bairro onde mora.

De Papa humilde, simples, carismático, político, compreensivo da atual realidade da sociedade à *superstar*. A matéria sobre o primeiro discurso de Francisco para os jovens participantes da Jornada Mundial da Juventude na praia de Copacabana compara Francisco a uma “estrela do rock”. Na matéria intitulada “Bote fé, bote esperança” (26.07.2013, p. 05), o jornal afirma que o Papa pode: “ver e mostrar ao mundo como é pop. Foi como superstar que ele foi recebido pelos fiéis que acompanhavam a passagem do papamóvel pela Avenida Atlântica, do forte de Copacabana – onde chegou de helicóptero, por volta das 15h – rumo ao palco montado no Leme. No trajeto, foi ovacionado aos gritos, como um astro de rock por suas fãs, e passou por prédios decorados com cruzes de luz e janelas acesas”.

Na linha da FD2, no caderno do dia 23 de julho, primeiro dia de Jornada, a primeira reportagem intitula a ação do Papa Francisco em sua chegada ao país no dia anterior como: “Discurso morno” (p. 01). O jornal compara o discurso da presidente da república, Dilma Rousseff, com o de Francisco sobre a juventude. Para o jornal, o Papa





focou sua fala apenas nos peregrinos da JMJ e na fé que seria compartilhada nos dias que se seguiram, enquanto a presidente lembra as manifestações ocorridas antes da JMJ pelos jovens brasileiros que pediam mudanças.

Mesmo afirmando o que a Presidente Dilma falou sobre trabalhar com todas as crenças para promover as melhorias pedidas nas ruas, “O Globo” deixa claro ao dizer “discurso morno”, que esperava era do Papa uma fala mais política e menos espiritual. Os jornalistas Luiz Ernesto Magalhães e Rodrigo Röttsch são enfáticos nesse aguardo por um pronunciamento do Papa sobre as efervescentes manifestações ao qual vivia o país na época: “O Papa Francisco frustrou, em seu primeiro discurso em terras brasileiras, à expectativa de quem aguardava algum tipo de menção ao turbulento momento pelo qual passa o país”. Ao afirmar isso, o jornal limita a espera dos leitores ao discurso do Papa apenas ao momento político/social e deixa de falar sobre quem poderia esperar outro discurso do chefe do Estado do Vaticano.

O jornal se identifica também como um dos “quem” que esperava palavras do Papa sobre as manifestações dos jovens brasileiros. Revela a importância de o Papa, líder de uma denominação religiosa ainda predominante no Brasil, falar sobre o momento que o Brasil vivia. “O Globo” queria saber o que a Igreja Católica pensa sobre o assunto. Sendo outro Aparelho Ideológico dominante, o jornal iria transmitir aquele discurso aos seus leitores. Mas era isso também que a população brasileira esperava? Era isso que os fiéis católicos queriam ouvir do Papa, uma vez que a Igreja já se manifestou diversas vezes sobre os assuntos ditos polêmicos?

O destaque da cobertura sobre a Jornada Mundial da Juventude do “O Globo” se dá então quando o Papa resolve falar sobre os assuntos tão esperados pelo jornal. Mesmo sem caderno, “O Globo” reserva 11 páginas da editoria “Rio” para falar e desdobrar sobre os assuntos citados pelo Papa. A primeira reportagem intitula: “A bênção aos gays” (p. 08). O discurso do Papa é morno, não abençoa e nem julga, mas para o jornal o fato do silêncio já significa “bênção”. Numa sociedade em que a doutrina católica é predominante e se entende que não mudaria, devido a outros discursos na história, esse título chama a atenção, provoca o tom de revolução e cria especulação de algo, que fielmente ao discurso de Francisco não ocorreu. Contudo “O Globo” traz teólogos especialistas para analisar o “novo discurso da Igreja” em outras matérias pequenas, visando abordar os pontos do espaço da mulher na igreja e o do matrimônio (p. 09). Sobre os gays, uma reportagem de quase uma página inteira faz uma avaliação dos movimentos gays sobre o discurso do Papa (p. 10). Traz a mensagem de um grupo



que não espera apenas discurso, mas ações concretas. Porém, nesta reportagem, há um contraponto quando o jornal apresenta uma entrevista com ex-reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Jesus Hortal, que diz que as palavras do Papa não significam mudanças na Igreja: “[...] Não houve nada de novo, as pessoas já sabem o que diz a Igreja. Devemos condenar o pecado, mas não o pecador [...]” (p. 10). Outra reportagem traz a perspectiva de teólogos sobre a Igreja “voltar às origens” com esse novo Papa (p. 11). Desta forma, quando se trata da ideologia da Igreja Católica, o discurso do “O Globo” reforça a importância que a palavra de um Papa pode ter nas decisões do contexto atual, justificada pela história que esta instituição tem na construção da sociedade.

A terceira formação discursiva (FD3) presente no “O Globo” é a forma como o jovem participante da Jornada Mundial da Juventude é retratado. O contexto religioso apresentado pelo “O Globo” no segundo caderno sobre a Jornada Mundial da Juventude (22.07.2013, p. 3-5), mostra uma Igreja Católica perdendo fiéis no Brasil e na América Latina, país e continente que ainda possuem o maior número de católicos. São 123,2 milhões de fiéis católicos no Brasil, e mesmo o jornal afirmando que a religião tem perdido espaço na América Latina, ele mesmo contrapõe ao afirmar que pelo menos 80% de toda a população segue a doutrina católica.

É neste contexto que o jornal identifica e apresenta quem são os jovens participantes da JMJ. Traz personagens que não somente estão preocupados com a busca espiritual, mas também com as mudanças sociais. As primeiras duas edições dos cadernos (21 e 22.07.2013) contavam com um discurso com certo tom de medo diante dos protestos que vinham acontecendo no Brasil e os impactos que poderiam causar durante a visita do Papa e a JMJ. A comparação entre os jovens que foram para as ruas no Brasil e iriam participar da Jornada se tornaram inevitáveis. No primeiro caderno, na reportagem intitulada: “Vinde a mim os jovens do mundo” (p.10) uma jovem manifestante e também peregrina é usada para abrir a reportagem que buscava mostrar o que jovens de diferentes continentes esperavam da JMJ e do Papa Francisco. “Laura, 21 anos, é um exemplo de que a pluralidade não é inconciliável. A estudante, de Brasília, participou das manifestações contra o aumento das passagens de ônibus na capital federal. Aqui, gritava, aos pés do Cristo Redentor o lema ‘Esta é a juventude do Papa’, em coro com outros jovens – que até então só se conheciam por meio das redes sociais”. Depois de inserir falas da personagem, o jornal afirma que, para Laura, a Jornada e as manifestações não são antagônicas. Ou seja, os jovens são o reflexo de que a sociedade



se organiza através de reencontros, das situações, das experiências no seio dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. “Estes grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas” (MAFFESOLI, 1987, p. 124).

Quando se trata de caracterizar os jovens peregrinos, uma representação positiva compõe os enunciados do “O Globo” sobre os jovens participantes da Jornada. Ao lembrarmos que Maffesoli (1987) identifica um reagrupamento social, através das tribos, o autor também aponta que não existe mais um espanto em relação a particularidades de certos grupos, porque “já fazem parte da paisagem urbana”. Contudo, é em tom de surpresa e de um discurso novo que “O Globo” retrata os peregrinos da JMJ. No caderno do dia 22, a reportagem da contra-capla (p. 09) procura defini-los: “Em geral, eles andam em grupos, não se separam das mochilas coloridas do evento e estão sempre animados: estes são os peregrinos que a poucas horas da chegada do Papa ao Rio e da abertura da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), aproveitam para fazer turismo pela cidade”. No final deste mesmo parágrafo os repórteres contam ainda que os pontos turísticos do Rio estavam “tomados por grupos que, com diferentes sotaques, esbanjavam flashes e alegria”.

Claro que um possível espanto sobre o colorido das mochilas da Jornada não era então algo normal de uma “tribo” no Brasil, nem no Rio de Janeiro. Contudo ao citar os peregrinos, nesta e em outras matérias, parece haver no discurso uma espécie de surpresa com a alegria, reforçada pelo colorido das bandeiras, dos jovens participantes da JMJ. Talvez o que surpreenda é a alegria dos jovens num evento religioso, até mesmo porque a alegria e a serenidade dos jovens peregrinos eram diferentes dos recentes agrupamentos de jovens manifestantes que a imprensa brasileira se acostumou a noticiar. O olhar dos jornalistas para os jovens católicos estava num primeiro momento sob os óculos da comparação com os manifestos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“O Globo” nos cadernos analisados contribuiu para a criação de um imaginário social sobre a Jornada Mundial da Juventude e a vinda do Papa Francisco ao Brasil. O jornal procura principalmente nos primeiros cadernos, apresentar o contexto histórico no qual vivia o Brasil e relacionar com o evento. Com o olhar um pouco mais atento e



crítico o leitor consegue perceber as especulações e o posicionamento do jornal quanto ao Papa Francisco.

Se voltarmos para o histórico das Organizações Globo, ao qual o jornal “O Globo” pertence, é pertinente observarmos que nada é dito simplesmente por dizer, claro que não somente nessa situação, mas em tudo há um fundo ideológico. Estranhamos a abordagem tão esquerdista (se falando em conceitos políticos) do jornal durante a cobertura da Jornada, visto que em seu histórico de cobertura jornalística o jornal “O Globo” sempre foi mais conservador.

Procurar apresentar quem é o Papa Francisco e o que a sua personalidade pode influenciar no futuro da Igreja Católica e da própria sociedade mostra que a intencionalidade do discurso do “O Globo” é confirmar o poder que a Igreja Católica, enquanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE) possui, reforçando assim o lado conservador do jornal. Porém, ao mesmo tempo em que, “O Globo” reforça essa imagem, ele aponta a queda de fiéis, e traz nas entrelinhas os possíveis motivos desse declínio de brasileiros que se dizem católicos, e nesses motivos encontra-se os valores “conservadores”, como ser contra a união homoafetiva, divórcio e aborto, numa sociedade pós-moderna.

O jornal deixa claro nas entrelinhas que deseja ouvir uma mudança de postura da doutrina da Igreja pela boca do Papa Francisco. Dessa maneira, procura relacionar frases do Papa com o contexto que se aproxime da intencionalidade do jornal, vide os exemplos das manifestações em junho. O discurso utilizado nos cadernos passam para o leitor essa sensação de que algo deve mudar e que talvez algo realmente mude. Para “O Globo” essa mudança de posição da Igreja frente a alguns temas parece que só se dará a partir da reaproximação com a Teologia da Libertação ou um viés mais a esquerda da Igreja, o que justifica a abordagem diferente do que se poderia esperar deste veículo de comunicação.

Por isso, há uma linha tênue entre o reportar o contexto e entre contribuir decisivamente naquilo que se pensa sobre o contexto. Nesse sentido, a mídia como um todo acaba passando essa linha imaginária. Na abordagem da Jornada Mundial da Juventude pelo “O Globo”, não foi diferente, o que predominou não foi propriamente os jovens peregrinos, mas sim a figura do Papa Francisco. Reforçando a intencionalidade do discurso quanto a mudança dos valores católicos por Francisco. A metodologia proposta pela Análise de Discurso contribuiu para salientar sobre o que “O Globo” queria que seu público concluísse sobre a Jornada. Reforçando dessa maneira a posição



ideológica do “O Globo” sobre os indivíduos. Já que a ideologia do “O Globo” é a da classe dominante (HERZ, 1988) dessa forma é também a ideologia que predomina na sociedade, porque como aponta Althusser (1985), a ideologia predominante na sociedade é a da classe dominante.

## 8. REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estados (AIE). 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Geral, 1985.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas: **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1978
- DMITRUK, Hilda Beatriz (org). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. 7ª ed. rev. e atual. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre, RS: Tchê, 1988.
- KUNCZIK, Michael: **Conceitos do Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**; o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário é uma realidade**. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>> Revista FAMECOS, Porto Alegre. Acesso em 02 de julho de 2013.
- \_\_\_\_\_. Tribalismo pós-moderno. **O Globo**. Entrevista concedida à Deborah Berlinck. 29 de março. 2001. Disponível em:  
<<http://www.cei.g12.br/TRIBALISMO%20P%D3S.pdf>>. Acessado em 02 de outubro de 2013.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**. Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis. Insular, 2005.
- PORTELLA, Rodrigo. **Em busca do dossel sagrado**. Artigo publicado em Horizonte , Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 77-96, jun. 2006. Disponível em:  
<[http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20070328102953.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070328102953.pdf)>. Acesso em: 07 de outubro de 2013.
- RIBEIRO, José Claudio. A mídia e o sagrado. **Ciberteologia – Revista da Teologia e Cultura**. Ed. Nº 5, p. 01 - 05 maio/junho, 2006. Disponível em:  
<<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/amidiaeosagrado.pdf>>. Acesso em: 23 de outubro de 2013.
- SPONHOLZ, Liriam. Objetividade em jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Famecos**, Porto Alegre, RS, nº 21, p. 110 -120, agosto, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. 2ª ed. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo, vol. 1**. 2ªed. Florianópolis: Insular, 2005.



VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Edipuc, 2001.  
VIZEU, Alfredo et al. **Edição digital e produção de sentidos nas narrativas noticiosas da TV**. Seminário internacional análise de telejornalismo: desafios teóricos – metodológicos. Salvador, BA, 2011.

#### **SITES CONSULTADOS:**

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 28 de outubro de 2013.

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE. Disponível em:  
<<http://www.rio2013.com/>>. Acesso em: 02 de julho de 2013.

ORGANIZAÇÕES GLOBO. **Princípios editoriais das organizações Globo**.  
Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2013.